

TEATRO

7, 8, 9 NOVEMBRO 2016

Blind Cinema

Cinema Cego de Britt Hatzius

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção, conceito Britt Hatzius **Dramaturgia** Ant Hampton **Filme** Britt Hatzius, Simon Arazi
Produção do filme (filme, som) Boris Belay, Maxim, Anne Haaning, Dulkan Speakman
Conceção técnica, assistência de produção (vendas, geringonças) Maria Koerker, Gert Aertsen
Produtora criativa Katja Timmerberg **Agradecimentos** Thomas Tajo, Georgia Venetakis, Geertje De Ceuleneer, Axel Cleeremans, Campbell Works Gallery, Susanne Dietz, Neil Benun, Boris Belay, Miila, Nico, Alice, Josh, Marina, Rebecca, Anna Rispoli, David Weber-Krebs, Houle, Cunio e Bown (música) e a todos os que amavelmente assistiram aos ensaios.
Coprodução Vooruit (Ghent), Beursschouwburg (Bruxelas) e Bronks (Bruxelas)
Estreia 24 de agosto de 2015, Forest Fringe, Filmhouse de Edimburgo

Seg 7, ter 8, qua 9 de novembro
19h · Pequeno Auditório (lotação reduzida) · Duração: 40 min · M14

Algumas notas sobre *Blind Cinema*

O cinema enquanto espaço onde nos reunimos coletivamente é necessariamente marcado por realidades sobrepostas, oscilando entre a das imagens ilusórias mostradas no ecrã, do espaço físico em que nos encontramos sentados e os nossos próprios pensamentos e referências, entre experienciar juntos e assimilar sozinhos. Este tropeçar incerto, entre realidades diferentes, vai inevitavelmente intensificar-se assim que a fundação pictórica do cinema for retirada: com a remoção do visual, assumem prioridade outros sentidos. Podemos ouvir com mais atenção os sons do filme, o remexer atrás de nós ou a nossa própria respiração. Podemos tornar-nos mais sensíveis aos cheiros ao nosso lado, à proximidade com os outros ou ao conforto das nossas próprias cadeiras.

As crianças que estão sentadas por trás do público, em *Blind Cinema*, a sussurrar para dentro de tubos, estão a ver o filme pela primeira vez. As suas descrições são aproximadas, por vezes hesitantes, tal como a nossa compreensão do que se passa no ecrã permanece aproximada e fragmentária. Cada criança com a sua voz, o seu ritmo, a sua maneira de ver, ajuda-nos a construir fios momentâneos para seguirmos: “Há um quarto, um chão cinzento e um ecrã branco, assente em três pernas. E não se passa nada... Está parado. Ainda não acontece nada. Continua...” E os sussurros continuam, cheios de buracos e pausas, hesitações e gaguejares, cheios de respiração audível, restolhares e

risinhos, sons íntimos que chegam ao ouvido enquanto o resto da sala se preenche com um murmúrio abafado.

Há aqui uma luta com a linguagem, entre a linguagem e o visível (bem como com o invisível), que está talvez mais próxima daqueles que estão em plena descoberta do potencial da linguagem, e dos seus limites – aqueles que estão a aprender a ler e a escrever, a aprender a atribuir sentido a coisas para partilhar. Mas também é uma luta que está no âmago de qualquer tentativa de enunciar, mesmo se por vezes nos encontramos sem saber o que dizer quando nos deparamos com experiências (visuais ou outras) que parecem escapar ou transcender o enunciável. A dificuldade, imprecisão ou inadequação de traduzir uma imagem em palavras é desempenhada na imediatez afetiva de ver e falar ao mesmo tempo, nas descrições hesitantes das crianças e na tentativa, uma e outra vez, de circunscrever, se nesse momento não vierem à memória os nomes das coisas. A inflexão da descoberta, as pequenas aspirações de ar inconscientes ou os suspiros quando se deixa escapar algo que não é o filme, ou os silêncios e pausas, tudo se torna tão importante como as palavras que são de facto sussurradas (e potencialmente mal compreendidas).

Também há uma luta com o próprio sentido, ou com uma relação significativa com a imagem, a imagem em movimento. Na atual cultura sobressaturada de consumo e produção de imagens, talvez precisemos de vez em quando de fechar os olhos para re-despertar as nossas sensibilidades para outras

realidades que estão para lá do visual. É como se em *Blind Cinema* as imagens projetadas no ecrã, embora essenciais, começassem a perder a sua importância à medida que o foco se desloca para a reação individual de cada criança, as suas tentativas corajosas e respostas emocionais. As escolhas infinitas que se fazem ao decidir o que e como descrever tornam-se análogas às infundáveis variações da maneira como o filme é experienciado por cada espectador individual, sozinho. Neste sentido, o próprio filme está sempre a desconjuntar-se, sempre a desintegrar-se, sem chegar à completude nem à conclusão, sem narrativa clara para recordar. Permanece fragmentário tal como a nossa imaginação é intrinsecamente fugaz, fluida e leve, atulhada de palavras, imagens e sons que são associativos e fragmentários. É difícil guardar uma imagem na mente, uma dificuldade que se reflete no próprio filme, onde as coisas não cessam de fundir a negro e ressurgir, aparecendo e desaparecendo, desmoronando-se e transformando-se.

Sentados juntos nesta sala de cinema obscurecida, sensíveis e agudamente atentos, cada projeção é diferente. É uma experimentação, uma experiência partilhada, que acolhe a disposição para falhar tanto quanto encoraja um gesto humano básico de assistência: uma colaboração entre um adulto vendado e uma criança que vê, entre as palavras sussurradas e a nossa (in)capacidade para dar sentido ao que pensamos que o outro vê. É um investimento partilhado, um filme não visto mas momentaneamente criado em conjunto,

entre cada criança que descreve e cada adulto que ouve, um filme que é íntimo e pessoal bem como coletivo. O ato de prestar atenção a algo torna-se também um “atender” (ao outro) – na forma como se confia que cada criança é capaz de fazer isto, e cada adulto está disposto a dar-lhe pacientemente ouvidos.

Britt Hatzius

Britt Hatzius

Britt Hatzius trabalha em cinema, vídeo, som e *performance*, explorando ideias em volta da linguagem, interpretação e o potencial para discrepâncias, ruturas e (in)comunicação. O seu trabalho tem sido apresentado internacionalmente em festivais, instituições de artes performativas e outros *media* e galerias. Entre as suas colaborações mais recentes incluem-se a instalação cinematográfica *Micro Events* (2012) com Tom Kok, a *performance* interativa *This Is Not My Voice Speaking* (2013) com Ant Hampton e a instalação *site-specific* *As Never Before, As Never Again* (2014) com Ant Hampton.

Blind Cinema (2015) baseia-se em conversas com pessoas com visão reduzida, audiodescritores profissionais, neurocientistas e vários ensaios com crianças em Londres e Bruxelas. Cada projeção/*performance* envolve um novo grupo de crianças, e utiliza a(s) língua(s) da instituição de acolhimento.

www.britthatzius.co.uk



Crianças:

Alberto Frazão
Alexandra Gomes
Alice Peixoto
Ana Delfino
Ana Pinheiro
Anna Demenchuk
António Fonseca
António Fraga
António Vieira
Beatriz Doro
Beatriz Magalhães
Beatriz Margalho
Beatriz Martins
Carolina Ferreira
Carolina Gamboa
Carolina Água Morna
Carolina Guimarães
Catarina Castro
Clara Sarmento
Diogo Osório
Diogo Sardinha
Duarte Domingos
Eva Luna Marciano
Fernando Costa e Almeida
Filipa Marques
Filipa Coropos
Filipe Venâncio
Francisca Ataíde
Francisca Soares
Francisca Fialho
Francisco Felner
Francisco Franco
Francisco Monge
Francisco Moreira da Silva
Gonçalo Duarte
Guilherme Carvalho
Guilherme Gaspar
Guilherme Henriques
Guilherme Margalho

Inês Soares
Inês Fernandes
Inês Carreiros
Inês Pinto
Isabel Pereira
Jaime Teixeira
Joana Duarte
Joana Garcez
Joana Brito
Joana David
Joana Simão
João Passanha
João Coelho da Silva
José Dengue
Karina Premgi
Lara Marques
Leonor Silva
Lourenço Martins
Madalena Lopes
Manuel Ribeiro de Almeida
Maria Resende
Maria Esgaio
Maria Afonso
Maria Beatriz Galvão
Maria do Carmo Coutinho
Maria Riscado
Maria Felner
Maria Leonor Jacinto
Maria Leonor Cintra
Maria Rita Calado
Maria Teresa Reis
Mariana Silveira
Mariana Rebelo
Marta Rodrigues da Silva
Martim Barros
Martininho Santos
Mateus Andrade
Matilde Marques
Miguel Fonseca
Miguel Matos
Miguel Cavaleiro

Pedro Reis
Pedro Nobre
Rita Serrano
Rita Gomes
Rodrigo Gaspar
Samira Bakaeva
Sara Mira
Sebastião Pacheco
Sofia Fernandes
Teresa Lavrador
Tiago Neto
Tiago Pina
Tomás Tavares
Vicente Couto
Vitória Sousa

Próximo espetáculo

Mixed Feelings

de Rafael Alvarez

© Elisabeth Vieira Alvarez



Dança Sex 11, sáb 12 de novembro

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração aproximada: 1h20 · M12

Mixed Feelings, o novo trabalho de grupo de Rafael Alvarez, com Ana Rocha, Mariana Tengner Barros, Luigi Vescio e Youngjun Shin, quer questionar o corpo do inimigo como se não houvesse guerra, pensar o distante como se não houvesse perto, pensar o diferente como se não houvesse igual, questionar um corpo em que a tristeza não tem fim (mas) a felicidade sim.

Próximo espetáculo de teatro

Se eu vivesse tu morrias

de Miguel Castro Caldas



Teatro De sex 9 a ter 13 de dezembro

Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)
Duração prevista: 1h30 · M16

Este espetáculo quer evidenciar a não-presença, a fantasmagoria, o outro acontecimento que não é aquele que os atores costumam afirmar como o aqui e o agora. Em vez de convocar os mortos para a vida, vamos convocar-nos a nós para lá. E pedimos ao texto que nos leve.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt